

IDADE DO JAZZ: ASPECTOS DA ASCENSÃO GLOBAL DOS ESTADOS UNIDOS¹

Fulvio Lorefice²

RESUMO: Este artigo discute alguns aspectos da ascensão global dos Estados Unidos. O período que compreende o final da primeira guerra mundial até o ano da grande depressão, o de 1929, foi descrito como uma era de vasta prosperidade para este país. No que diz respeito aos trágicos acontecimentos precedentes e aqueles sucessivos, esse momento histórico aparece até mesmo como um oásis de paz e bem-estar.

Palavras-chave: Estados Unidos. Primeira Guerra Mundial. Grande Depressão.

Introdução

O período que compreende o final da primeira guerra mundial até o ano da grande depressão, o de 1929, foi descrito como uma era de vasta prosperidade para os Estados Unidos da América. No que diz respeito aos trágicos acontecimentos precedentes e aqueles sucessivos, esse momento histórico aparece até mesmo como um oásis de paz e bem-estar. Para se ter uma idéia do progresso econômico extraordinário ocorrido nesses anos, basta fazer referência a dois importantes indicativos: o PIB que cresceu em 40%, entre os anos de 1922 e 1928, e houve uma diminuição de número de desempregados de 2 milhões em 1927. A riqueza foi, no entanto, concentrada nas mãos de poucos, «um décimo de 1% da população mais rica tinham renda igual a 42% das famílias de faixas inferior»³. Uma idéia desses anos, lúcida e implacável, foi vislumbrada por F. Scott Fitzgerald em seu romance mais famoso: «O grande Gatsby».

Em direção a uma nova ordem hegemônica

A Primeira Guerra Mundial marcou indelevelmente eventos políticos e históricos do século

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2015.v52n2.8268>

¹ Tradução de Tatiana Fonseca Oliveira, doutora em sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-SP / Brasil.

² Doutor pela Universidade de Bolonha.

³ Howard Zinn, *Storia del popolo americano*, Milano, Il Saggiatore, 2007, p. 263. Historicamente, a questão social, como observa Toninelli, pode ser rastreada em três aspectos principais: «a crescente desigualdade na distribuição de renda e riqueza, a ausência continuada do estado na legislação social e a atitude anti-sindical óbvia e prolongada. Entre o final do século XVIII e o *New Deal* foi, no outro lado do Atlântico, um processo de concentração de riqueza que transformou o mito de democracia na fronteira americana, igualitária e generosa, veiculado por muitos visitantes europeus que a percorreu nas primeiras décadas do século XIX, na imagem de uma sociedade dominada por uma aristocracia do dinheiro, na qual existia uma emulação financeira e de atrativa riqueza que estava substituindo cada vez

XX. O colapso da ordem mundial em que as relações internacionais eram governadas não correspondia a uma emergência imediata e a afirmação de uma nova ordem hegemônica. A transição da hegemonia britânica à hegemonia americana foi, de facto, um processo complexo e não-linear, que terminou apenas após a segunda guerra mundial. A guerra foi, neste sentido, um sinal de mudança e, ao mesmo tempo, a resistência a essa transformação, que foi revelada pela incapacidade dos Estados Unidos de «traduzir a própria força e sua influência política e diplomática de liderança econômica eficaz».⁴

A tentativa, após a guerra, para restaurar «as estruturas da ordem mundial do século XIX», como foi observado por Giovanni Arrighi, Po-keung Hui, Krishnendu Ray, Thomas Ehrlich Reifer, acelerou « seu fim na década de 1930 ».⁵

O liquidamento da parte da Grã-Bretanha de seus recursos financeiros nos Estados Unidos durante a guerra, tinham imediatamente enfraquecido a posição financeira de Londres e deixou o banco da Inglaterra, como responsável pela regulação do sistema monetário do mundo com reservas completamente inadequada. Ao mesmo tempo, o capital americano foram deixados livres para financiar empréstimos em grande escala no interior e no exterior. Dentro de uma década tornou-se claro que o sistema monetário mundial agora enfraquecido que focada em Londres foi incapaz de suportar o peso do movimento na capital dos EUA.⁶

Os Estados Unidos, desde de 1910, passam a controlar 31% da reserva mundial do ouro, e estabeleceram-se como potência econômica: o dólar tornou-se, desse modo, a nova moeda forte.⁷ A expansão de sua influência política internacional não corresponde, todavia, a um severo controle territorial, "muito mais complexo e caro do que aquele sobre os oceanos»: os Estados Unidos, a este respeito, preferiram "deixar a Grã-Bretanha a responsabilidade de trancar no momento do nascimento a crescente onda de nacionalismo nos países não-europeus».⁸ A pressão estadunidense era canalizada, naquela fase, em duas direções: para a América Latina, em deferência da "Doutrina Monroe" e a função de "polícia internacional" teorizada por Theodore Roosevelt no assim chamado "corolário da doutrina Monroe" (1904) e para o extremo oriente asiático, em concordância com a

mais a postura de diligência e ética de trabalho». Cf. Pier Angelo Toninelli, *Nascita di una nazione: lo sviluppo economico degli Stati Uniti (1780-1914)*, Bologna, Il Mulino, 1993, p. 228.

⁴ Mario Del Pero, *Libertà e impero. Gli Stati Uniti e il mondo 1776-2006*, Roma-Bari, Laterza, 2008, p. 196.

⁵ Giovanni Arrighi, Beverly J. Silver, *Chaos and governance in the modern world system*, Minneapolis-London, University of Minnesota, 1999, p. 75. Cf. a edição brasileira: Giovanni Arrighi e Beverly J. Silver, *Caos e governabilidade: no moderno sistema mundial*; Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. UFRJ, 2001.

⁶ *Ibidem*, p. 85.

⁷ «A guerra determinou uma grande redistribuição de poder de compra do resto do mundo aos Estados Unidos, a ponto que permanecia muito menos que poderia ser transportado para a economia estadunidense» *Ibidem*, p. 155.

⁸ *Ibidem*, p. 91.

doutrina da «porta aberta» desenvolvida pelo Secretário de estado John Hay (1899).⁹ Para além da guerra hispano-americana (1898), foi acentuada a vocação dos Estados Unidos para o Pacífico e consolidada a guarnição estratégica no seu continente. Veio assim à luz o império americano.¹⁰

A aquisição do presente estatuto colocou os Estados Unidos em relação direta com os interesses do poder dos países europeus: uma circunstância significativa tendo em conta a escalada política e diplomática que levou posteriormente à Primeira Guerra Mundial.

Se é verdade que, por um lado, a anteriormente mencionada política expansionista trazia consigo todo um esforço de procura por novos mercados, por outro, é também verdade que essa política era executada em nome da missão nacional e democrática dos Estados Unidos.¹¹ Foi dessa forma que se reafirmou a crença de um destino imperial, considerado o resultado de um projeto da “providência”, que resguardaria o inteiro país pacificado finalmente após as divisões da guerra civil. Os princípios republicanos de liberdade e autonomia, os melhores aspectos da revolução americana, foram largamente difundidos pelo mundo. O fato de que este entrou em conflito com outro princípio, caro à tradição revolucionária, aquele da autodeterminação dos povos, não causou grande constrangimento. Grande defensor desta visão e o principal teórico 'imperialismo norte-americano' da época foi, sem dúvida, o Almirante Mahan, em que o pensamento, como observou Anders Stephanson, é a expressão das duas questões basilares dessa expansão:

A primeira foi a questão geopolítica da preparação militar e estratégica e do armamento naval no cenário mais amplo dos interesses estritamente dos EUA e numa lógica contrastante no tocante a outras potências ocidentais (mas ainda em estreita cooperação com a Grã-Bretanha por afinidade e necessidade); o segundo foi o discurso da civilização produzido pela conquistas e pelo fenômeno de "ascensão" social e cultural.¹²

⁹ A «doutrina Monroe» trazia aspectos da mensagem que o Presidente Monroe tinha enviado ao Congresso, em 1823, enunciava uma série de princípios para os Estados Unidos, como por exemplo, a da não tolerância de interventos dos países europeus nos assuntos do continente americano, a da não permissão dos países europeus em adquirir novas colônias e, em contrapartida, garantiam uma não interferência dos EUA nos assuntos da Europa. Esta doutrina, portanto, poderia ser interpretada como um forma de protetorado dos EUA, sancionando um tipo de direito exclusivo de intervenção para os Estados Unidos. O assim chamado «corolário da doutrina Monroe» atribuída a esse país o direito de intervir na América Central, para garantir a paz, a ordem e o respeito aos direitos dos investidores estrangeiros. Essa doutrina serviu então como uma base teórica para instituições posteriores de alguns protetorados no Caribe. Com a «doutrina da porta aberta» Hay pediu as potências europeias para salvaguardar a integridade territorial e independência política da China e ao mesmo tempo a garantia da abertura do seu mercado na livre penetração comercial. Sobre o tema, ler: Marco Mariano, *L'America nell'Occidente. Storia della dottrina Monroe (1823-1963)*, Roma, Carocci, 2013.

¹⁰ Com a guerra de 1898 a parte restante do velho Império espanhol - Filipinas, Guam e Porto Rico – acabaram na órbita dos EUA. A isso foi adicionado: o quase-protetorado de Cuba (1901), e sua sucessiva extensão em Santo Domingo, Haiti e Nicarágua, foram também anexadas o as Ilhas do Havaí e de Samoa durante este período.

¹¹ Para uma visão do conjunto sobre as matrizes ideológicas da política externa americana, ver: Michael Hunt, *Ideology and US Foreign Policy*, New Haven, Yale University Press, 1987.

¹² Anders Stephanson, *Destino manifesto. L'espansionismo americano e l'Impero del Bene*, Milano, Feltrinelli, 2004, p. 117.

A política exterior

As eleições presidenciais de 1912 viram a vitória do candidato democrata Woodrow Wilson. Já em 1887, ele havia teorizado uma União de todos os Estados do mundo: era já forte naquele tempo a visão 'moralista' de política externa wilsoniana. Foi a opinião do antigo reitor de Princeton que os Estados Unidos, campeões da igualdade e da democracia, deveriam manter o espírito de Justiça e progresso para a realização dos ideais de liberdade.¹³

Já durante a Primeira Guerra Mundial, na qual os Estados Unidos tomaram parte em abril de 1917, surgiu a necessidade de atualizar as diretrizes da política externa estadunidense. No final da guerra veio à luz a «New Diplomacy» Wilsoniana. Este processo, que rejeitou o frágil equilíbrio do sistema europeu, preocupa-se em construir uma base sólida para um futuro de paz. Através da criação de «Peace Inquiry Bureau», geralmente conhecidos como *Inquiry*, foram preparados estudos e hipótese sobre uma possível solução aos problemas políticos-geográficos não resolvidos. Na noite de 4 de janeiro de 1918, foi apresentada a lista dos objetivos da guerra que Wilson teria exposto em uma mensagem ao Congresso em 9 de Janeiro. As propostas foram divididas em 14 pontos. Os primeiros quatro enunciavam os princípios fundamentais da «New Diplomacy»: diplomacia aberta, liberdade dos mares, redução das barreiras econômicas e desarmamento. A décima quarta previa a criação da organização internacional das "Liga das Nações", e os outros pontos resguardavam, em vez disso, as assim chamadas questões «geográficos» irresolutas.

O plano, sujeito a algumas adições formais efetuadas pelo próprio Wilson, fez surgir, como novo, a disponibilidade dos americanos de se colocar internacionalmente como os árbitros entre as nações: papel que poderia ter sido exercido, em deferência aos 14 pontos, através da criação da "Liga das Nações". O pacto fundador deste último seria assim incorporado no interior do Tratado de paz. A então *balance of power* da Europa iria ser contraposta pela proteção da integridade territorial das nações através a aplicação de sanções aos eventuais agressores.¹⁴

No momento da ratificação do Tratado de Versalhes (1919), e mais especificamente no projeto de constituição da Liga das Nações, Wilson superestimou a medida pela qual a pressão da opinião pública, aparentemente alinhados a seu favor, poderia influenciar os incertos equilíbrios congressuais. Depois de uma longa batalha dentro e fora do Congresso, o Tratado foi rejeitado e Wilson derrotado: os Estados Unidos não se tornaram então membros da «Liga das Nações». O

¹³ Sobre a influência do pensamento wilsoniano, ver: Frank Ninkovich, *The Wilsonian Century*, Chicago, University of Chicago Press, 1999; Federico Romero, *Il wilsonismo*, in «Parolechiave», n. 29 (2003), pp. 177-188.

¹⁴ Observa Romero: «A segurança coletiva consubstanciada na Liga das Nações não teve como primeiro objetivo aquele de excluir os impérios e o colonialismo – na qual de fato em Versalhes Wilson concorda repetidamente – mas, sobretudo, tem como meta criar as oportunidades para um paternalismo branco, compartilhando assim as raças 'inferiores', através de um equilíbrio de poder sob o lema do conceito global de segurança». Ver Federico Romero, *Il più problematico di tutti gli imperi: l'esperienza degli Stati uniti*, in «Ricerche di storia politica», vol. IX, n 3 (2006), p. 361.

fracasso político de Wilson foi seguido da esmagadora derrota nas eleições democráticas de 1920 de Cox: quem ganhou foi de fato o candidato republicano Harding que teve como sucessores os republicanos Coolidge e Hoover.

Com a decisão de não aderir à “Liga das Nações”, os Estados Unidos não escolheram o chamado «isolacionismo», como um perfil diplomático internacional baseado na autonomia e na independência. Operaram, de fato, em vários âmbitos das relações internacionais. Em primeiro lugar, naquele econômico fornecendo ajudas, inclusive financeira, aos países europeus, e assessoria às empresas sobre as quais investiam. Em alternativa, o esforço das administrações republicanas em matéria de cultura e do armamento, este último tema, juntamente com o mais geral da grande guerra, era particularmente caro as, muito em voga na época, organizações pacifistas americanas. A filosofia dessas iniciativas, como observa Del Pero, «foi sintetizada com várias fórmulas: "internacionalismo independente", "internacionalismo normal" e "otimista", "internacionalismo conservador”». ¹⁵ Tratava-se de “promover a estabilização de uma Europa capitalista próspera e democrática que resistisse às tentações do fascismo e do comunismo” no âmbito de um mais amplo esforço para “edificar e consolidar uma ordem internacional liberal, congruente com os valores, os interesses e a identidade dos Estados Unidos». ¹⁶

O período de prosperidade extraordinária que caracterizou os anos de 1925 a 1929 trouxe consigo uma atmosfera de confiança, que aumentou o desejo de paz. A pressão da opinião pública e das organizações pacifistas induziram o governo a uma série de negociações que conduziram à assinatura, no dia 27 de agosto de 1928, do Pacto Kellogg-Briand. A condenação da guerra “e busca pela solução dos conflitos internacionais” foi acompanhado na obrigação solene “de renunciar a essa como instrumento da política nacional nas suas relações recíprocas”.

A mensagem universalista americana

Neste momento da discussão é útil debruçar-se sobre a concepção liberal-democrata da guerra e a paz proposta por Wilson. Os 14 pontos representavam, na verdade, não só uma proposta de resolução das controvérsias ligadas ao problema militar por um curto prazo, mas também, e acima de tudo, um desenho e uma mensagem universal para o futuro, mas de dúplice valência.

Por um lado, eram, na verdade, uma resposta aos pedidos de Lenin para que os povos insurgissem contra a guerra e os seus próprios governos, e fosse proclamado o direito universal à autodeterminação. A Revolução soviética e seus dirigentes bolchevique tinham oferecido aos povos oprimidos pelo domínio colonial uma eficaz mensagem universalista: «um messianismo revolucionário e anti-capitalista e anti-imperialista, cuja capacidade de sedução estava ligada

¹⁵ M. Del Pero, *Libertà e impero*, cit., p. 233.

¹⁶ Arnaldo Testi, *Il secolo degli Stati Uniti*, Bologna, Il Mulino, 2008, p. 153; M. Del Pero, *Libertà e impero*, cit., p.

indissoluvelmente ao drama da guerra».¹⁷

Em julho de 1918 Wilson tinha, portanto, decidido participar de uma intervenção militar conjuntamente com o Japão para apoiar os contra-revolucionários russos. Ao Internacionalismo revolucionário, Wilson escolheu assim de responder com um manifesto programático com base em princípios liberal-democrático e voltado para opinião pública mundial. Surgia então o grande desafio ideal entre os dois modelos de desenvolvimento da sociedade antitéticas, que se apoiavam nas suas duas opostas concepções dos direitos dos povos e das Nações. O universalismo wilsoniano tinha limitações precisas e se tratava de limites raciais: "como para muitos de seus contemporâneos, incluindo Wilson, civilização e raça eram quase sinônimos." A comunidade internacional «prospectava inicialmente por Wilson na idéia de que havia uma hierarquia de civilizações, na qual o vértice estava no mundo euro-norte-americano».¹⁸

O projeto wilsoniano «anunciava os elementos reformistas e de consenso na gestão da ordem hegemônica mundial sustentada pelos Estados Unidos que surgiria após a segunda guerra mundial»¹⁹. Fulcro da nova ordem internacional, não podia então não ser os EUA, aqueles que assumiriam o desafio de substituir as decadentes potências europeias.

O extraordinário progresso socio-econômico alcançado pelos Estados Unidos facilitou a esse país no seu desafio em superar a primazia da burguesia comercial europeia e colocou-se assim

como uma alternativa a sofrida empresa com a qual a sociedade europeia procurava satisfazer não somente a crescente aspiração dos seus cidadãos para uma vida decente, mas também o de ser portadores dessa mensagem no resto do mundo, tornando-se uma forte tradição revolucionária.²⁰

No julgamento de Wilson "as grandes barreiras que dividem o mundo de hoje não são uma

233.

¹⁷ M. Del Pero, *Libertà e impero*, cit., p. 210.

¹⁸ *Ibidem*, p. 203. Lenin, ciente desses limites, tentou várias vezes insistir nessa questão nas suas cartas dirigidas aos trabalhadores americanos. Em julho de 1919, respondendo a uma pergunta da *agency United Press*, disse: "a tarefa da nossa República Soviética no Afeganistão, na Índia e em outros países muçulmanos fora da Rússia é igual à nossa atividade entre os muitos muçulmanos e de outras nacionalidades não russas dentro Rússia. Por exemplo, dissemos as massas afamadas extenuada a possibilidade de construir uma república autônoma dentro da Rússia, e incentivamos de todo modo o desenvolvimento autônomo, livre, de todas as nacionalidades, o desenvolvimento e difusão da literatura nas línguas nacionais, traduzimos e divulgamos a nossa Constituição Soviética, que tem a infelicidade de agradar aos homens de mais de 1 bilhão pertencentes as nacionalidades coloniais, escravizadas, oprimidas, privadas de direitos, mais que a Constituições "Europa-ocidental" e americana dos Estados democráticos burgueses que consagraram a propriedade privada de terras e do capital, ou seja, a opressão por um pequeno número de capitalistas "civis" sobre os trabalhadores nos seus próprios países e sobre centenas de milhões de habitantes das colônias na Ásia, África, etc». Mais adiante acrescenta: «a burguesia americana engana o povo, ostentando liberdade, igualdade, democracia que existe em seu país. Mas, nem essa burguesia, nem qualquer outro governo do mundo se atreverá a aceitar a concorrência com nosso governo sobre a questão da liberdade efetiva, da igualdade e da democracia».

¹⁹ G. Arrighi, B. J. Silver, *Chaos and governance in the modern world system*, cit., p. 233.

²⁰ Victoria De Grazia, *L'impero irresistibile*, Torino, Einaudi, 2006, p. XVII.

questão de princípios, mas de gostos" : "certas classes sociais – encontram-se – desagradadas ou adotam um ponto de vista cético". A distância social entre essas classes, de acordo com o presidente americano, não deixou espaço para a interpretação de suas exigências. Na opinião De Grazia, Wilson, com ênfase no conceito do estadista e de vendedor, «intimamente ligados por uma visão comum e um propósito comum», «desenhando assim um conceito moderno de bom governo [...], mas também a uma não menos moderna atenção ao consumidor»; ele identificava assim na comunidade dos "vendedores" o *leitmoiv* com o qual se poderia colocar em marcha a resolução dos problemas ligados aos mal-entendidos gerados pelos estilos de vida muito diferentes e assegurar a coesão e coerência também. A idéia de que os bens materiais eram para ser considerados o corolário indispensável de direitos como a liberdade, o direito à vida e à felicidade tornou-se a partir desse momento em diante, uma característica distintiva do sistema sócio-econômico que deveria cada vez mais se impor. Wilson então entendia “que a causa do bom governo teria beneficiado o entendimento das necessidades materiais, do sofrimento psicológico e agitação social decorrentes inexoravelmente do consumo em massa”, mas ao mesmo tempo, com a exortação aos seus compatriotas no espaço com sua criatividade em todo o mundo, para ir para o estrangeiro para vender seus produtos, para fazer o trabalho de converter os princípios sobre os quais a América foi fundada, ele tinha dado o seu aval para um intercâmbio global não só de mercadorias, mas também dos princípios.²¹

A década de 1920, é válido sublinhar, não marcou a afirmação nem o programa revolucionário soviético e nem o programa aquele liberal-democrata americano: o fracasso da revolução alemã e o repúdio ao projeto diplomático wilsoniano pelo Congresso sancionou a vitória dos "restauradores". Esses últimos, como observa Arrighi, «sustentavam que um retorno ao padrão-ouro e ao livre comércio internacional era necessário para restabelecer o círculo virtuoso da paz interna e internacional que havia caracterizado os meados do século XIX».²²

O conflito capital – o trabalho no período do pós-guerra

A adesão à União de Oklahoma (1907), do Novo México e do Arizona (1912), estabeleceu as fronteiras continentais dos Estados Unidos. Anteriormente, com o massacre de Wounded Knee (1890) a resistência dos nativos americanos foi definitivamente destruída²³. A expansão para o oeste, a chamada corrida *Far West*, tinha terminado e em 1890 a fronteira foi oficialmente declarada "fechada". Em apenas três anos os Estados Unidos tiveram que enfrentar uma dramática crise econômica e, ainda nesse período, o historiador Frederic J. Turner tinha apresentado à «American Historical Association» o ensaio: "O significado da fronteira na história americana", no qual ele

²¹ V. De Grazia, *L'impero irresistibile*, cit., p. XIV.

²² G. Arrighi, B. J. Silver, *Chaos and governance in the modern world system*, cit., p. 225.

²³ Última batalha vencida pelos índios era de junho de 1886: a *Little Bighorn* os *Sioux* e os *Cheyenne* conseguiram

argumentava que

A história americana foi determinada pela presença, até o final do século XIX, por uma borda de "terra livre" no oeste, onde a nação, expandindo-se, encontrou sempre novos ambientes que deveriam ser adaptados, repetindo constantemente aquele processo de destruição e regeneração da civilização iniciada com os atravessamentos do atlântico dos primeiros emigrantes europeus. Um processo com o qual as imobilizantes tradições europeias, inimigas e restritivas do progresso, foram esmagadas e assim nasceu um «homem novo», eficaz, democrático, não mais inglês ou alemão ou de qualquer outra origem, mas americano.²⁴

O fim da fronteira, pressuposta estrutural - até então - do extraordinário grau de mobilidade social entre as diversas classes, arriscava de impedir o desenvolvimento e a afirmação da democracia americana. O espectro do socialismo tinha, entretanto, começado a circular no país. Nas últimas décadas do século XIX, com o desenvolvimento industrial e a maciça imigração da Europa, havia se formado uma classe operária combativa e multi-étnica, envolvida naquele momento naquilo que foi descrito como uma verdadeira e própria 'guerra de classes'.²⁵ Os pressupostos socialistas tinham começado a reunir apoio, particularmente entre grupos sociais obviamente mais fracos e sub-representados na sociedade industrial americana.²⁶ Dramática era sua condição: os Estados Unidos, ainda em 1900, destacaram-se por ter sido detentores do maior índice de taxa de mortalidade no local de trabalho que qualquer outro país industrializado do mundo. A maioria dos trabalhadores do setor cumpria uma jornada de dez horas de trabalho na indústria siderúrgica, ganhando apenas entre vinte e quarenta por cento menos do mínimo considerado necessário para uma vida digna.

A situação alterou-se, temporariamente, com a primeira guerra mundial. A economia

derrotar os coronel George Armstrong Custer e seus soldados.

²⁴ Tiziano Bonazzi, *La frontier thesis. Un capitolo nella costruzione della nazione statunitense*, in «Contemporanea», Vol. 12, n.3 (2009), p. 555. Sobre o tema ver também: William Appleman Williams, *Le frontiere dell'impero americano: la cultura dell' "espansione" nella politica statunitense*, Bari, De Donato, 1978; P. A. Toninelli, *Nascita di una nazione*, cit., pp. 52-54.

²⁵ «O ano de 1886 tornou-se conhecido por seus contemporâneos como o ano da grande revolta dos trabalhadores. Entre os anos de 1881 a 1885 foram registrados uma média de quinhentas greves por ano, com a participação total de cento e cinquenta mil trabalhadores. Em 1886, houve mais de mil e quatrocentas greves, envolvendo quinhentos mil trabalhadores». H. Zinn, *Storia del popolo americano*, cit., p. 190. Sobre a composição da classe operária americana da época e sobre as suas organizações, ver: A. Testi, *Il secolo degli Stati Uniti*, cit., pp. 29-33.

²⁶ Em 1887, Friedrich Engels escreveu: "em poucos meses se realizou na sociedade americana uma revolução, pela qual teria sido necessário, em qualquer outro país, pelo menos dez anos. Em seguida, argumenta ainda: «no terreno mais favorável da América, onde nenhum frantume medieval obstrui a via, na qual a história começa com elementos da sociedade burguesa moderna, desenvolvidas no século XVII, a classe dos trabalhadores foi para estas duas fases de desenvolvimento em apenas dois meses». A. Testi, *Il secolo degli Stati Uniti*, cit., p. 18. Um reflexo da anteriormente indicada fascinação estava presente na literatura americana da época, nas obras em particular de Jack London e Upton Sinclair.

americana foi transformada, com bons resultados, em "um sistema planejado com direção estatal": dentro de pouco tempo o PIB dobrou.²⁷ Os empregadores pararam, na verdade, suas ofensivas contra os sindicatos e tinham aceitado um acordo com a *American Federation of Labor* (AFL) - a principal organização sindical da época -, em troca do direito de organização dos trabalhadores e o daquele de fazer greves.²⁸

O reconhecimento do sindicato, como contraparte na negociação coletiva, permitia, não somente de responder às reivindicações dos trabalhadores, mas também «de oferecer à agitação operária dos âmbitos organizacionais que orientasse a estratégia para a cooperação com o capital e amortecesse os embates mais agudos». Como foi observado por Romero «se tratava de levar a competição contra as ideologias e as organizações socialista e radicais no corpo da classe operária, onde se encontrava a força principal e onde estava presente as suas raízes».²⁹ Com as guerras aumentaram-se os salários, devido à enorme procura de força-trabalho, e de inscritos nos sindicatos, que chegou a contar com 2 milhões de integrantes.³⁰

Em 1919 o governo acabou com os controles de preço e permitiu às empresas retomarem a suas "ofensivas" anti-sindicais: «entre junho de 1919 e junho de 1920 o índice do custo de vida (tendo em 1913 o índice de 100) aumenta de 177 para 216».³¹

Os trabalhadores não tardaram a reagir: o consenso nacional, construído pelo governo em torno do tema da guerra era governado, na verdade, sob a promessa feita aos trabalhadores que no final da guerra seria correspondida com uma «nova era».³²

Em 1919 foi possível observar a vital carga da greve de massa expressa seja através dos sindicatos, seja contra eles. Onde a base era capaz de controlar os sindicatos existentes - como tinha acontecido em Seattle -, a combatividade e consciência de classe dos trabalhadores impuseram formas radicais de ação sindical; onde - como era o caso da indústria de aço - a organização sindical

²⁷ Jeremy Brecher, *Sciopero!*, Roma, Derive Approdi, 1997, p. 114.

²⁸ Sobre as intervenções estatais na relação de produção entre os anos de 1912 e 1918, ver: Federico Romero, *Il sindacato come istituzione: la regolamentazione del conflitto industriale negli Stati Uniti*, Torino, Rosenberg & Sellier, 1981. Sobre a AFL, verificar: Maria Rosaria Stabili, *America verso una società corporata: la AFL di Gompers*, Bari, Edizioni Dedalo, 1984.

²⁹ F. Romero, *Il sindacato come istituzione*, cit., p. 230.

³⁰ Sem dúvida o setor que mais se beneficiou da grande guerra foi o da grande indústria: em 1916, a US Steel obteve um lucro de 348 milhões de dólares. Cfr. H. Zinn, *Storia del popolo americano*, cit., p. 251. Com o fim da guerra o governo federal estendeu o sufrágio universal as mulheres e introduziu o proibicionismo, com a qual se tornou ilegal a produção, o comércio e o consumo de bebidas alcólicas.

³¹ *Ibidem*, p. 117.

³² Observa Zinn: «Os Estados Unidos correspondem à ideia de Du Bois. O capitalismo americano precisava de rivalidades internacionais e guerras periódicas para criar uma comunidade de interesses artificiais entre ricos e pobres, que iria ofuscar o interesse genuíno dos pobres, que se manifestou em movimentos esporádicos. Era necessário um consenso nacional para a guerra e o governo agiu então rapidamente para construí-lo». *Ibidem*, p. 252.

tinha sido impedida e impo-la era o objetivo lógico das greves.³³

A repressão, operada pelo Ministro da justiça A. Mitchell Palmer, foi brutal: quem pagou a conta foi principalmente os comunistas, os socialistas e os anarquistas. O *Red Scare*, estimulado e alimentado para justificar a onda repressiva, contegiou o clima político da época, golpeando – indistintamente – os sindicatos: tanto a AFL, protagonista dos acordos do tempo de guerra, que os Industrial Workers of the World (IWW), o sindicato de classe que orgulhosamente havia se oposto ao conflito mundial.³⁴

Durante a Primeira Guerra o Governo Federal havia lançado, a este respeito, duas fulminantes ferramentas repressivas: o "Espionage Act" (1917), com a qual foram presos aqueles que alegaram a alta voz ou por escrito a sua oposição à guerra, cerca novecentos pessoas foram afetadas por essa medida, e a "Sedition Act" (1918) que estabeleceu o crime de desacato à nação, à Constituição, as forças armadas, a bandeira e ao uniforme. O IWW em questão de poucos meses foi dizimado: o julgamento de cento e um de seus líderes, em abril de 1918, terminou com a condenação de todos os acusados.³⁵ Em 1919, observa Brecher, «assiste-se ao espetáculo de determinados grupos de trabalhadores que, depois de sacrifícios duríssimos, encontram-se separados e diante da derrotar». ³⁶

Reestruturação capitalista e a cultura do consumo

Neutralizado os insurgentes operários, os industriais colocaram a sua atenção sobre os processos de reestruturação e racionalização da organização do trabalho, que se acelerou e intensificou-se. Por um lado, se golpeava a raiz «da força da classe trabalhadora, perturbando a sua composição», por outro, através das políticas relacionadas com o mercado de trabalho, tentava-se destruir os resíduos de uma unidade alcançada pelos trabalhadores, criando «novas divisões no seu seio» que minava «a tendencial identificação coletiva como classe». ³⁷

³³ J. Brecher, *Sciopero!*, cit., p. 149. Racconta Brecher: «A raiva, a esperança e a combatividade afloraram rapidamente montagem, e em nenhum outro lugar foi tão pronunciada e radicalizada que em Seattle, onde no Outono de 1919 os estivadores se recusou a carregar armas e munições destinadas ao Almirante Kolchak, líder da contra-revolução na Sibéria, os fura-greves açoiaram inclusive os outros trabalhadores que tentaram efetuar o carregamento». *Ibidem*, p. 117.

³⁴ Cf. Bruno Cartosio, *Stati Uniti contemporanei*, Firenze, Giunti, 2010, p. 62. Na véspera da declaração da guerra o «Industrial Worker», editado pelo IWW, escreveu: «Capitalistas da América, combateremos contra vocês, não para vocês!».

³⁵ Foi nesse contexto que adveio a prisão e a sucessiva condenação e morte dos anarquista italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti.

³⁶ J. Brecher, *Sciopero!*, cit., p. 150. O Partido socialista, que no congresso di St. Louis, em abril de 1917, tinha escolhido a oposição a guerra, no primeiro momento do pós-geurra, conheceu uma momentânea popularidade. Em setembro de 1919 nasce o Partito comunista.

³⁷ F. Romero, *Il sindacato come istituzione*, cit., p. 228. Para um olhar sobre o conjunto do mundo do trabalho nos Estados Unidos na década de 1920, ver: Irving Bernstein, *The Lean Years: A History of the American Worker, 1920-1933*, Chicago, Haymarket Books, 2010, pp. 45-243.

A introdução de novas técnicas de organização da produção, no período pós-guerra, o crescimento industrial norte-americano, particularmente nos setores de automóveis, dos produtos elétricos e eletrônicos. Algumas importantes inovações, no campo científico e tecnológico, tinha contribuído, desde a década de 1910, para a afirmação de «métodos de produção mecanizada e de organização científica do trabalho».³⁸ Pensamos aqui particularmente no 'Taylorismo', que se baseava na racionalização do ciclo de produção e através de uma organização eficiente e científica do trabalho, e no 'Fordismo', baseado nos princípios do 'Taylorismo', que previa a utilização da linha de montagem e otimização do trabalho, incluindo o aumento dos salários, com os quais as empresas americanas levaram uma estrutura organizativa e multidivisional, ou seja, com divisões operacionais e um escritório Central para o controle e o planejamento dos trabalhos.

O crescimento econômico resultou em um aumento, embora altamente desigual, da renda per capita: entre 1923 e 1929 os salários cresceram de 8%, os lucros de 62% e os dividendos de 65%.³⁹ A diversificação dos produtos e dos mercados, é acompanhado pela «produção» dos clientes. A 'cultura de consumo', como sublinhou Stuart Ewen, «surgiu assim no decorrer da década de 1920, não como uma evolução gradual a partir dos modelos anteriores de consumo e menos "desenvolvidos", mas sim como uma ferramenta de sobrevivência dos grandes grupos capitalistas agressivos».⁴⁰ A moral pública e privada das famílias americanas foram, então, progressivamente homogeneizada pela difusão de tipos semelhantes de consumo. Com a legitimidade do mercado, e o surgimento das chamadas "democracia de bem-estar", como afirma Paul Campbell, foram superadas as "desconfianças em relação ao crescimento do consumo", tornando-se «de fato um elemento decisivo da democracia americana».⁴¹

Começou desse modo a dar valor científico e acadêmico ao trabalho dos publicitários, cuja capacidade de cultivar sonhos e desejos foi considerada "um elemento basilar do sucesso da sociedade moderna" e, nas visões mais entusiastas, "um elemento civilizador".⁴²

Dentro de alguns anos, surgiram os primeiros sinais de fraqueza do sistema econômico americano. Os problemas estruturais de superprodução - cada vez mais evidente -, foi somado a uma

³⁸ Observa Thomas: « O maciço afluxo para os EUA de mão de obra barata da Europa meridional e Oriental coincidiu com um período de inovações técnicas que estimulou um alargamento da estrutura de capital»; Brinley Thomas, *Migration and Economic Growth; a Study of Great Britain and the Atlantic Economy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1973, pp. 152-153. Citado in: P. A. Toninelli, *Nascita di una nazione*, cit., p. 292.

³⁹ Cfr A. Testi, *Il secolo degli Stati Uniti*, cit., p. 130; I. Bernstein, *The Lean Years*, cit., p. 54. Recentes estudos colocam a década de 1920 entre a «fase mais aguda de crescimento e concentração de riqueza »; P. A. Toninelli, *Nascita di una nazione*, cit., p. 288.

⁴⁰ Ewen Stuart, *I padroni della coscienza. La pubblicità e le origini sociali del consumismo*, Bari, De Donato, 1988, p. 57, Citado por: G. Arrighi, B. J. Silver, *Chaos and governance in the modern world system*, cit., p. 156.

⁴¹ Paolo Capuzzo, *Le teorie sul consumo*, in Emanuela Scarpellini, Stefano Cavazza (a cura di), *Il secolo dei consumi: dinamiche sociali nell'Europa del Novecento*, Roma, Carocci, 2006, p. 74. Sobre o tema ver também: Ferdinando Fasce, *Le anime del commercio: pubblicità e consumi nel secolo americano*, Roma, Carocci, 2012. O tema, do pós-segunda buerra, catalizou atenção de alguns importantes cientistas sociais ocidentais: pedra angular da reflexão em questão foi a do volume, publicado em 1958, «The Affluent Society» do economista canadense John Kenneth Galbraith. 40 *Ibidem*, p. 74.

⁴² *Ibidem*, p. 74.

persistente distribuição desigual da riqueza: o fornecimento de mercadorias foi significativamente maior do que o mercado pode absorver. Os sintomas de uma iminente recessão começaram a ser registrada logo em 1927: o setor automobilístico conheceu, de fato, uma afiada contratação inicial. Gradualmente, o *boom* especulativo começou a refletir-se sobre a produção em espiral, e em um círculo vicioso, que ao longo se revelará fatal. As origens da crise de 1929 podem ser encontradas na complexa teia de fenômenos econômicos e políticos e decisões políticas, nacionais e internacionais, seguida do fim da primeira grande guerra. Já em 1919 o economista britânico John Maynard Keynes tinha identificado, com grande visão, alguns dos pesos da ordem internacional resultantes da conferência da paz de Versalhes. Em "As consequências econômicas da paz» estava já colocado a questão da desorganização do sistema econômico internacional no peso –concebido como excessivo – das reparações de guerras impostas a Alemanha e as implicações econômicas desta escolha. Em um contexto comercial e financeiro marcado - já nessa época - dos complexos mecanismos de interdependência, uma escolha desse gênero não poderia que revelar-se clamorosamente míope. Na dialética das relações internacionais desse momento também pesou a falta de liderança global, como observado por Charles P. Kindleberger, a crise foi não só econômica, mas também política.

Uma parte das razões que podem explicar a largura e sobretudo a profundidade da depressão mundial deve ser revisada na incapacidade dos ingleses para continuar a preencher o papel de garantidoras da ordem mundial e na relutância dos Estados Unidos a assumir essa tarefa até 1936.⁴³

A Grã-Bretanha, que tinha jogado este papel na crise no final do século XIX, não dispunha mais dos recursos necessários; os Estados Unidos, de sua parte, preferiam, imprudentemente, cuidar exclusivamente de seus próprios interesses, provocando uma espiral de represálias econômicas que iriam intensificar os efeitos da crise.

A Integração sindical

O declínio da esquerda política e sindical americana continuou na década de 1920: a extraordinária expansão econômica do capitalismo não foi, na verdade, a protagonista da expressão da força de trabalho.⁴⁴ Teste de equilíbrio das relações de força sócio-econômicas foi o «Plano

⁴³ Charles P. Kindleberger, *La grande depressione nel mondo, 1929-1939*, Milano, ETAS, 1982, p. 15.

⁴⁴ Durante a década revoltas esporádicas eclodiram, especialmente em fábricas têxteis no sul. Sobre a condição dos movimentos dos trabalhadores americanos na década de 1920 ver: I. Bernstein, *The Lean Years*, cit., pp. 83-143. Em 1922, William Z. Foster, expoente comunista do IWW, observava: «A fraqueza do movimento operário americano, a sua falta de uma visão social e seu geral atraso, sob o plano político e sob aquele industrial, em comparação ao movimento operário de outros países, tem sido bem conhecida de todos. Isso não pode ser negado ou contestado, e nem qualquer estudioso sério do movimento operário procura fazê-lo»; citato in: Renato Musto, *Gli IWW e il movimento operaio*

Mellon»: apresentado ao Congresso em 1923 que previa a redução da alíquota de 50 a 25% para o aumento das contribuições e de quatro para três por cento para as faixas inferiores.

Como foi observado por Irwin Bernstein e o grupo de pesquisadores do Instituto de relações industriais de Los Angeles, a condição de fraqueza dos trabalhadores americanos estava ligada a dois maiores fenômenos socioeconômico: a aceleração do processo de 'urbanização' e da 'flicibilização da imigração' para os Estados Unidos.⁴⁵ A heterogeneidade do movimento operário da época se somava, além do mais, em um clima de forte individualismo social - «one got ahead by himself and not by collective action», a um crescimento de uma atitude anti-sindical da parte das novas indústrias de alta tecnologia.⁴⁶ Prevalencia assim a perspectiva «integracionista», cujo o corolário foi o repúdio ao conflito de classe e a aceitação da própria condição de vida: a melhoria, relativa mas tangível no que diz respeito aquele da origem, vinha sendo cimentada pela ideologia 'individualista dominante do sucesso', «difundida largamente pelos meios de comunicação de massa».⁴⁷ Tentava-se, enfim, de congelar o domínio do capital e, assim a ligação do trabalhador com a empresa, através das primeiras técnicas de «welfare capitalism».⁴⁸ Apesar da brutal ofensiva do pós-primeira guerra mundial, permanecia, com efeito, nos empregadores a obsessão pelo controle social. A necessidade de racionalização do trabalho para promover o círculo virtuoso da «economia de escala – consumo de massa», como já observado por Antonio Gramsci, obrigava os industriais americanos a vigiar sobre a eficiência física (psico-muscular) dos trabalhadores a fim de assegurar a estabilidade e continuidade da produção. O álcool, como qualquer comportamento sexual, nos trabalhos monótonos, repetitivos e obsessivos próprios da organização do trabalho das indústrias fordistas, representavam em tal sentido, de acordo com o estudioso Ales, os agentes mais perigosos da destruição da força de trabalho; normalizar o estilo de vida da classe operária na nova divisão do trabalho que o "Taylorismo" estava criando, tornou-se assim um dos objetivos principais das forças industriais da época.

O conjunto de ferramentas repressivas do 'welfare capitalism' sancionará o ulterior desenvolvimento do movimento operário e a absorção de uma parte importante de suas organizações dentro da estrutura capitalista.⁴⁹ Aqueles que se recusaram “o sindicato como instrumento de promoção social”, como foi o caso de IWW, não foi, todavia, em grau de combinar, gramscianamente, o tema de 'espontaneidade' com aquele da 'direção consciente', adequando assim a

americano: *storia e documenti 1905-14*, Napoli, Thélème, 1975, p. XIV.

⁴⁵ I. Bernstein, *The Lean Years*, cit., pp. 47-48.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 88.

⁴⁷ Bruno Cartosio, *Movimento operaio*, in *Storia del Nord America*, (a cura di Piero Bairati), Firenze, La Nuova Italia, 1978, p. 223.

⁴⁸ De acordo com uma pesquisa encomendada pelo Governo Federal em 1919, se referia ao «welfare capitalism» «tudo aquilo que – para além do salário, pra o bem-estar e o melhoramento intelectual e social dos dependentes – não constitue uma necessidade para a empresa e não é requisitada pela lei»; Howard M. Gitelman, *Welfare Capitalism Reconsidered*, in «Labor History», n. 33 (1992), p. 10.

⁴⁹ I. Bernstein, *The Lean Years*, cit., p. 90. Sobre a derrota IWW ver: Sandra Ghetti, *Gli IWW e la ristrutturazione del capitale negli anni venti*, in «Primo Maggio», n. 16 (1981-82), pp. 21-26.

elaboração teórica sobre a transformada estrutura socio-industrial. Se por um lado, na verdade, os IWW "souberam corretamente interpretar o potencial da luta implícita nos modificadas composições de classe, seja a oeste que nas fábricas do leste", por outro, como foi observado por Cartosio, «distanciaram-se progressivamente da definição teórica da realidade e da intervenção e se aproximaram a um empirismo de luta quase que total.»⁵⁰ A rejeição da 'política' e de muitas práticas sindicais, com base em algumas tradições anarquistas e anarcosindicalistas, produziram, em um contexto marcado pela «crescente intervenção política em matéria de trabalho», a adesão de muitos *wobblies* ao movimento comunista.⁵¹

Conclusão

Um dos aspectos mais característicos da hegemonia americana do século XX é, sem dúvida, aquele cultural. Como visto anteriormente, as condições para alcançar essa primado, criado após a primeira grande guerra, foram colocadas na década de 1920. A inovação tecnológica e a utilização de meios de comunicação de massa definiram seus traços mais marcantes, a original fisionomia foi assim o produto de uma complexa dialética dos fenômenos econômicos e processos sociais.

A historiografia que procurou descrever os termos dessa assim chamada "americanização" identificou três principais vetores deste processo: «a exportação, juntamente com numerosos investimentos dirigidos pelas *corporations* estadunidenses, de um modelo de empresas baseados na experiência americana; a propagação de novas formas culturais, que tiveram a sua expressão mais famosa no cinema; o crescimento de turismo transatlântico, que levou entre as guerras, centenas de milhares de turistas americanos na Europa».⁵² Um processo, portanto, altamente performático, através do qual foi refinado e homogeneizado um significativo *corpus* de valores da sociedade multiétnica americana, para depois projetá-la, através dos mercados, sobre os povos, principalmente ocidentais. A identidade de princípios que fizeram funcionar a democracia e a produção tornou-se uma mensagem política na qual é identificada, ao padronizar os modelos de vida, através das mais avançadas técnicas de eficiência da produção e da relativa divisão social do trabalho, um imperativo. Em seguida, substituído por novas formas de controle social. Se na década de 1920, as empresas americanas, através da publicidade, havia efetuado uma guerra contra o «puritanismo» e a favor do largo consumo, posteriormente, o controle social se enraizou nas necessidades que eles produziram, mudou a relação entre o indivíduo e a sociedade: a transformação do desperdício em necessidade sancionou a neutralização das heranças puritanas.

⁵⁰ Bruno Cartosio, *Note e documenti sugli Industrial Workers of the World*, in «Primo Maggio», n. 1 (1973), p. 43.

⁵¹ Cfr Philip S. Foner, *History of the Labor Movement in the United States*, Vol. 4, *The Industrial Workers of the World*, New York, International Publishers, 1965. Ferdinando Fasce, *Gli I.W.W. e il movimento operaio americano (presentazione)*, in «Altrionovecento», n. 15 (2010); Peppino Ortoleva, *Industrial Workers of the World*, in *Storia del Nord America*, cit., pp. 147-156.

⁵² M. Del Pero, *Libertà e impero*, cit., p. 244.

Uma vez estabelecida a hegemonia americana, após a primeira guerra mundial, se assistiu na Europa um processo sociocultural semelhante aquele realizado nos Estados Unidos na década de 1920: as transformações que jorravam destacam, no entanto, a originalidade do meio americano. Nos processos migratórios em direção aos Estados Unidos que se seguiram no século XX e XIX encontram-se uma explicação dessa circunstância. Se é verdade que o domínio produtivo, e assim tecnológico, é uma prévia condição da extraordinária penetração socio-econômica americana é igualmente verdade, e vai certamente salientada, que foi a combinação e a síntese de uma incrível quantidade de estilos culturais nacionais, próprias dos países de origem dos migrantes, a tornar-se a ofensiva de 'Americanismo' mais eficaz e mais penetrante. Na fatura do produto, na sua comunicação, pôde ser encontrado, na verdade, diversas singulares manifestações das culturas nacionais que compõem o mosaico social americano, resultando assim, em uma medida mínima, familiar aos povos, e assim aos consumidores, que são abordados. O destinatário do produto americano percebe um trato de familiaridade (ao lado de um item da alteridade), decorrentes do fato de que a mesma cultura americana já tinha nascido e já era conformada a um originária contribuição das diversas culturas nacionais, incluindo, na maioria dos casos, o atual destinatário do produto. Eis que assim o produto 'novo' representava, ao mesmo tempo, um retorno ao passado. A recepção do produto econômico-cultural americano não foi, imediatamente de maneira passiva, mas reformulada, e assim inserida e contextualizada, no contexto econômico-cultural nacional. Uma interação cultural que pode se fazer 'original', mas ao mesmo tempo «familiar», o artigo comercializado.

Outro aspecto importante da história dos Estados Unidos é o da dialética de classe decorrida da prodigiosa expansão econômica na década de 1920. Apesar da extensa resposta factual, cuja as linhas gerais foram brevemente mencionadas anteriormente, por muito tempo esse aspecto não foi, praticamente, considerado.⁵³ Grande destaque, reciprocamente, foi dado para a transformação dos costumes e a uma alegada «indiferença» dos anos em questão: a prevalecer era uma imagem estereotipada do pós-primeira Guerra americano, congruente com aquela da 'sociedade afluyente', que fechava os olhos durante esse tempo. Esse parecer, contribuiu, por exemplo, na Itália, para uma historiografia “em cativeiro”, dotada de uma abordagem fortemente esquemática e determinista da história dos Estados Unidos.⁵⁴ Por muito tempo, considerou-se a história do movimento trabalhista

⁵³ F. Romero, *Il sindacato come istituzione*, cit., p. 14.

⁵⁴ Faz-se primeiramente referência a historiografia comunista, incapaz de fazer suas os elementos homologados mais avançados. Nos faz refletir, a esse respeito, o fato de que nenhum dos mais de cem volumes por Philip S. Foner, principal expoente da historiografia marxista americano, foi traduzido para o italiano. Alguma atenção foi reservada a historiografia da Nova Esquerda, com a qual o marxismo não era uma presença significativa, no entanto, o quadro geral destaca a incapacidade de desenvolver uma reflexão aprofundada sobre a dinâmica histórico-político dos Estados Unidos. A respeito, de fato, das consolidadas relações pessoais – se pense aqueles entre Vittorio Vidali e William Z. Foster sobre o versante político e a excepcional experiência amadurecida por Ambrogio Donini ligada a Jefferson School of Social Science de New York no versante acadêmico – e das solicitações a comição cultural dos PCI, no fim de novembro de 1956, por parte de estudiosos brilhantes como Gianfranco Corsini, não se pode sublinhar um substancial desinteresse a ter em conta estáveis relações culturais com o variado universo intelectual da esquerda americana.

na Europa, a mediação e a pedra de toque de toda a experiência desse movimento.⁵⁵ A ausência nos Estados Unidos de um movimento operário tradicional, ou seja, compatível com práticas políticas e formas de organização sindical desenvolvidas no velho continente, por causa de um complexo entrelaçamento de elementos histórico-político no qual a grande literatura internacional disponibiliza, levou em parte a história nacional (italiana) a ignorar, conscientemente, o tema: com isso se contribuiu para a construção também na Itália daquele famoso mito, difundido amplamente pelos divulgadores acríticos da hegemonia estadunidense, segundo a qual a paz social tinha incontestavelmente reinado nos Estados Unidos desde o século XVIII.⁵⁶ Um mito com a qual se sancionou a vitória completa, de um lado, e decretou a eliminação de todo imaginário coletivo, do outro. É fácil ver, portanto, como são pobres, até mesmo no nosso país, o conhecimento sobre a história social dos Estados Unidos e como é superficial a leitura e interpretação que é feita.

A história do movimento operário americano da década de 1920 teve como antagonista a enorme ferramenta da repressão. A neutralização violenta dos movimentos políticos e sociais de oposição, como observa Cartosio, impediu a esse movimento de «sedimentar a cultura política necessária para se estabelecer uma elaboração teórica não ocasional ou de curto respiro». Os elementos socioculturais que historicamente tinham feito atípico o movimento operário americano e suas organizações, foi somada, ou seja, a dificuldade de fazer da teoria, através a mediação da experiência, um elemento de conhecimento da realidade. Vem assim a aumentar aqueles «atrasos» teóricos e estratégicos na organização política e sindical, já evidenciados nas décadas anteriores.⁵⁷ A falta de um movimento operário tradicional, como é evidente, mas útil sublinhar, não equivale a negar a existência da classe operária. O que não veio a realizar, como afirmava Marx, uma passagem da “classe em si”, determinada passivamente de sua colocação social, a uma 'classe para si', determinada ativamente pela sua transformação em movimento coletivo organizado. Em tal quadro, portanto, o apego a ideia somente da história dos trabalhadores organizados, ou ainda, o apego a interpretação «institucionalizada» que identifica a história da classe operária com a história das suas organizações, arrisca em se obter um resultado simplista e enganador do que é esse movimento em si mesmo.⁵⁸

⁵⁵ Em observações do mesmo porte, citamos aquela de Pier Angelo Toninelli sobre a historiografia econômica italiana sobre os Estados Unidos. Cfr P. A. Toninelli, *Nascita di una nazione*, cit., p. 8. No parecer de Musto a história do movimento operário daquele período foi reduzida «a história do bolchevismo na Rússia»; R. Musto, *Gli IWW e il movimento operaio americano*, cit., pp. XV-XVI.

⁵⁶ Para um breve resumo dos elementos histórico-político que tinha dado a ausência de um movimento operário tradicional nos Estados Unidos, consultar: Malcolm Sylvers, *Sulla storia del movimento operaio americano*, in «Studi Storici», vol. XVIII, N 4 (1977), pp. 154-156.

⁵⁷ Bruno Cartosio, *Prefazione*, in William D. Haywood, *Big Bill: L'autobiografia di un rivoluzionario americano fondatore degli IWW*, Roma, Manifestolibri, 2004, p. 7; gli stessi scritti di Eugene Debs e Daniel De Leon, duas das figuras mais proeminentes do movimento operário americano do início do século XX, não são comparáveis, observa, com razão, Cartosio, aos «os escritos teóricos de intelectuais marxistas e os anarquistas contemporâneos europeus (ou para aqueles, que tem a dizer, o fundador do movimento dos trabalhadores dos trabalhadores durante o século XIX dos Estados Unidos como Thomas Skidmore o Orestes Brownson)». *Ibidem*, p. 7.

⁵⁸ Uma análise das principais tendências historiográficas sobre a história do movimento trabalhista americano está presente in: B. Cartosio, *Movimento operaio*, cit., pp. 204-206; M. Sylvers, *Sulla storia del movimento operaio*

A faltosa afirmação, da década de 1920 e das décadas seguintes, de organizações políticas e sindicais que, através de um consolidamento social e sobre a base de um desenho estratégico autônomo, tivesse em grau, fossem capazes de desafiar, de modo constante, o domínio político das forças representativas do capital, resultando na 'integração' operária, sanciou a sua subordinação cultural e ideológica. Em conclusão, nssa complexa dinâmica, a respeito desigual de distribuição da riqueza, pesou a mobilidade social para a outra originada "das mudanças de emprego de uma geração para a próxima, favorecido pela alteração da estrutura da força de trabalho em uma economia cada vez mais centrada no setor dos serviços».⁵⁹

RECEBIDO EM 03-03-2015

APROVADO EM 13-10-2015